



Quando olhamos para o mundo a nossa volta por meio das Escrituras, o que vemos? Essa é a pergunta que conduz nossa reflexão. Uma vez que pudemos ter uma breve visão sobre a relação entre Deus, o Homem e o Mundo em nosso último encontro, nosso

olhar se volta agora para o casamento. O que vemos quando olhamos para o casamento por meio dos óculos das Escrituras? O que significa o casamento em uma cosmovisão cristã?

Nas Escrituras, o relato da criação do casamento (Gn 2) está estruturado de maneira a depender em parte da primeira narrativa da criação do homem e da mulher (Gn 1.26,27). Ou seja, o contexto dentro do qual devemos compreender o casamento é o fato de que homem e mulher são a imagem e semelhança de Deus. É como se a *imago Dei* fosse a moldura dessa pintura.

A interpretação da *imago Dei* segue três grandes linhas. A primeira é chamada estrutural e aponta para uma continuidade das capacidades, habilidades e características morais, intelectuais, espirituais e físicas entre o Criador e o ser humano.<sup>1</sup> A segunda é chamada relacional, na qual a imagem da Trindade no homem não é necessariamente algo que o homem tem em si mesmo, mas algo que ele experimenta em suas relações, a realidade do próprio Deus Trino. A terceira é a chamada funcional, na qual a imagem está naquilo que o ser humano faz, que é o domínio concedido sobre a criação, seu papel como co-criador ou sub-criador.<sup>2</sup>

Na perspectiva de Anthony Hoekema, não é necessário optar entre as diferentes abordagens acerca da *imago Dei*, mas é possível uni-las numa compreensão orgânica a respeito do ser humano, de maneira que “a imagem precisa ser vista dentro do relacionamento triplo do homem: com Deus, com os outros e com a natureza”.<sup>3</sup> Bruce Ware compreende bem as implicações dessa percepção de maneira que “antes de ver a imagem de Deus como uma referência a alguns aspectos da nossa natureza humana, a imagem de Deus é refletida em nossa relação com o outro e com Deus. Logo, mesmo sendo verdade que Deus nos deu a razão, alma, volição, e outras capacidades de nossa natureza, nenhuma destas constitui a imagem de Deus. Antes, é o uso destas capacidades em relação com Deus e os outros que reflete mais claramente o que significa ser criado a imagem de Deus”.<sup>4</sup>

Podemos dizer que o homem foi criado pela Trindade para ser um ser de conexões, para se conectar com o outro da mesma forma como a Trindade se conecta entre si. É dentro de suas relações que o homem tanto expressa quanto experimenta plenamente o que é ser conforme a imagem do Eterno, experimenta com o outro a vida da Trindade nele e através dele.

Colocar essa questão antes de olharmos para o casamento altera completamente elementos fundamentais para compreensão do casamento. Nas culturas antigas o casamento era uma forma de gerar filhos e de encontrar na família e nos filhos senso de valor próprio e continuidade da própria linhagem.<sup>5</sup> Atualmente o casamento é visto como tendo a função de nos fazer felizes e saciar nossos desejos de relacionamento e intimidade.<sup>6</sup> A questão é que ambas as perspectivas são auto centradas, pensam em uma dinâmica claramente centrada no “eu” e no “é sobre mim”.

Deus criou homens e mulheres e lhes entregou o mistério do casamento e isso está essencialmente relacionado com a imagem da Trindade refletida no ser humano. Na vida interna da Trindade nada é sobre o “eu”, mas tudo é sobre o outro. Os pais da igreja utilizavam uma palavra engraçada para se referirem ao relacionamento intratrinitariano do Eterno, ou seja, a maneira como o Pai se relaciona com o Filho e ambos com o Espírito Santo: “pericorese”. Este é um termo que vem da raiz de “*perichoresis*”, uma palavra grega que significa literalmente “circular alguém, dançar ao redor, rodear”.<sup>7</sup> A imagem é de que Deus se alegra imensamente em si mesmo, dançando de mãos dadas numa ciranda eterna, com amor, afeto, carinho e alegria. Vale a pena ouvir o tom marcante da escrita de Cornelius Plantinga: “Os pais gregos da igreja chamavam esse intercâmbio de mistério de pericorese, e agregavam a ele o Espírito Santo – o Espírito que é tanto do Pai como do Filho. Quando os primitivos cristãos gregos falavam da

<sup>1</sup> WARE, Bruce A. Male and Female Complementarity and the Image of God – in *Journal for Biblical Manhood and Womanhood*, 7/1, Louisville, (2002) p.15

<sup>2</sup> RODRIGUES, Adriani Milli. Imagem de Deus e nova criação: Traços de responsabilidade ecológica cristã na teologia de John Wesley – in *Kerygma - Revista Eletrônica de Teologia*, Ano 5 - Número 2 – jul/dez 2009, p.13-15

<sup>3</sup> HOEKEMA, Anthony. *Created in God's image*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1986, p.95

<sup>4</sup> WARE, Bruce A. Male and Female Complementarity and the Image of God – in *Journal for Biblical Manhood and Womanhood*, 7/1, Louisville, (2002) p.15

<sup>5</sup> KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. P.235

<sup>6</sup> KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. P.42

<sup>7</sup> PLANTINGA, Cornelius Junior. *O Crente no Mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.55; Ver também DRISCOLL, Mark; BRESHEARS, Gerry. *Doctrine: What Christians Should Believe*. Illinois: Crossway, 2010, p.27

*pericorese* em Deus, eles estavam se referindo a noção de que cada uma das três pessoas da trindade abriga no centro do seu ser as outras duas”.<sup>8</sup>

Tim e Kathy Keller, no excelente livro “O significado do casamento” apontam para o fato de que “a Bíblia diz que os seres humanos foram criados a imagem e semelhança de Deus. Não é de surpreender, então, que tenhamos sido criados para adorar a Deus e viver para a sua glória, não para a nossa própria. Fomos feitos para servir a Deus e aos outros”.<sup>9</sup> Isso redefine completamente a perspectiva de que o casamento é sobre mim, para mostrar que o casamento é uma instituição criada por Deus para nos ensinar a viver em uma dinâmica do “é sobre você”, um jeito de viver que não é auto centrado mas centrado no outro. O casamento é um projeto de Deus para que experimentemos o que a própria Trindade experimenta em sua relação de amor abnegado. Isso nos leva a refletir sobre as tensões entre unidade e diversidade, alteridade e complementaridade e papéis dentro do casamento.

Como já vimos, o casamento é uma miniatura da relação Trinitária. A correta perspectiva da Trindade nos leva a perceber um equilíbrio na tensão entre a unidade e a pluralidade dentro da Trindade. O batismo de Jesus é uma imagem que ilustra lindamente a pluralidade trinitária (Mt 3.13-17) bem como a afirmação de Jesus de que quem o vê, vê o Pai é uma declaração pungente da unidade (Jo 14.8-11). Ou seja: o fato de que as Pessoas da Trindade são distintas umas das outras – diversidade – não diminui a unidade que existe entre elas quanto ao propósito para a criação – unidade – e vice-versa. Só o amor pode produzir uma unidade indestrutível no meio de uma diversidade irreduzível. Para experimentarmos unidade com o outro, tentamos muda-lo para que caiba no nosso jeito de ser. O amor é essa capacidade de aceitar o outro, o diferente, e ainda sim construir com ele unidade. Isso nos leva a compreender que o casamento na perspectiva bíblica não conduz a anulação ou amputação da identidade de um em favor do outro e ao mesmo tempo nos impede de vivermos isolados, preservando a diversidade e negando a unidade.

Isso nos leva a refletir sobre a alteridade e complementaridade entre os diferentes sexos. Diferentemente da concepção de desconstrução de gênero pós-moderna, na qual o gênero – masculino ou feminino – é concebido de forma cultural e contextual, na cosmovisão cristã o gênero está ligado ao corpo, tanto quanto o fato de que o peixe tem uma fisiologia e uma anatomia que o impedem de querer ser ave e vice-versa. Deus nos fez homens e mulheres, e a despeito do fato de que o pecado afetou tudo, incluindo a orientação do objeto sexual humano, o fato é que ainda hoje nascemos homens e mulheres.

Evitando estereótipos, estudos empíricos realizados nos últimos 20 anos confirmam que homens e mulheres são de fato diferentes em suas percepções e suas maneiras de pensar, sentir, agir, liderar, criar e diversas outras áreas.<sup>10</sup> John Medina, renomado biólogo molecular, demonstra em um extenso capítulo de seu livro “As doze regras do cérebro” as diferenças marcantes que existem no funcionamento cerebral de homens e mulheres. Medina destaca que as diferenças se estendem sobre três áreas: genética, neuroanatômica e comportamental.<sup>11</sup>

Resumindo: homens e mulheres são diferentes! Essas diferenças entre gêneros se somam as demais diferenças no casamento para formar um quadro no qual muitas vezes a questão não é que não concordamos com o outro, mas simplesmente não o compreendemos. Nas Escrituras, essa diferença foi criada intencionalmente visando a complementaridade, de maneira que homens e mulheres possam aprender uns com os outros quando estão vivendo centrados no outro. O pecado nos faz viver centrados em nós mesmos e por isso ao invés de complementaridade experimentamos muitas vezes crítica e acusação, pois vemos o que é diferente como necessariamente “errado”.

Por fim, as Escrituras afirmam claramente que ao criar o casamento o Criador instituiu dentro do mesmo diferentes papéis para homens e mulheres. O texto clássico que aponta para isso é o texto de Efésios 5.22-33, complementando a narrativa da criação na qual a esposa é criada para ser uma ajudadora, aquela que completa o que falta e que torna possível o que era impossível ao homem sozinho (Gn 2.18).

A liderança do homem e a submissão da mulher são temas de debates longos e acirrados. O que nos escapa a vista é que Paulo deixa claro que a liderança do homem deve ser como a de Jesus e que a submissão da esposa deve ser como se fosse ao próprio Jesus. Ou seja, quem define ambos os papéis de liderança e submissão? A atitude de Jesus! Jesus redefiniu a liderança ao se tornar um líder servo, um líder centrado no outro e não em si mesmo (João 13). Ao mesmo tempo, concedeu suprema dignidade a submissão mostrando sua submissão ao Pai ao se voluntariar para morrer na cruz em nosso lugar (Fp 2). Ora, se a submissão ativa de Jesus ao plano salvador significa que Jesus se ofereceu voluntaria e alegremente para cumprir seu papel no plano de salvação, a submissão a qual Paulo fala não é algo degradante nem indigno. Jesus nos ensina a liderar de maneira servil e nos submetemos com alegria, não pela obrigação, mas voluntaria e alegremente. Kathy Keller não poderia ter se expressado melhor: “mulheres e homens desempenham o papel de Jesus no casamento: Jesus em sua autoridade sacrificial, Jesus em sua submissão sacrificial”.<sup>12</sup> Liderança é servir. A submissão é o convite para que o outro lidere. Assim os papéis se complementam.

<sup>8</sup> PLANTINGA, Cornelius Junior. *O Crente no Mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.36

<sup>9</sup> KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.42

<sup>10</sup> KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.215

<sup>11</sup> MEDINA, John. *Aumente o poder de seu cérebro*. Rio de Janeiro: Sextante, 2010, p.223

<sup>12</sup> KELLER, Timothy; KELLER, Kathy. *O significado do casamento*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.214